

Fórum Social Mundial: Presente e Futuro*

Euclides André Mance
IFiL, Brasília, janeiro de 2008

Queiramos ou não, todas as edições do Fórum Social Mundial resultaram do trabalho, empenho e dedicação das inúmeras entidades participantes, que se mantiveram conectadas em rede, de forma colaborativa e solidária.

Basta realizar uma análise mais cuidadosa dos fluxos de informação entre os participantes, de como são levantados valores econômicos necessários à cobertura das despesas para a realização dos eventos (transporte, hospedagem, auditórios gigantescos e centenas de ambientes menores, produção e circulação de materiais, suporte de comunicação, alimentação e toda a logística envolvida) integrando milhares de entidades no mundo todo, para termos a percepção de que os Fóruns Sociais Mundiais, Continentais, Nacionais, e em suas outras versões, somente podem ser realizados porque, por trás deles, existe uma verdadeira rede social mundial.

Tão importante quanto pensar o presente e o futuro do Fórum Social Mundial é pensar o presente e o futuro dessa rede social mundial – uma grande rede de redes – que veio se constituindo com essa agilidade ao longo das últimas décadas e que ganhou maior expressão com a emergência do próprio Fórum. Mas que já revelara sua força em 1998, seja nas manifestações de Seattle, com uma ampla diversidade de atores, quando da assembléia geral da Organização Mundial do Comércio, bloqueando-se o acesso ao centro de conferências onde teria início a Rodada do Milênio; seja inviabilizando a continuidade das negociações governamentais acerca do Acordo Multilateral de Investimentos, que ocorria no âmbito da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – em ambos os casos utilizando-se a Internet para o compartilhamento de informações, sincronização de energias, harmonização de agendas e coordenação das ações.

Talvez a pergunta mais adequada seria: como essa rede social mundial pode avançar na sua trajetória de mobilizações, organização e conscientização das populações do planeta, na efetiva construção de Um Outro Mundo Possível? Qual pode ser a sua atuação como rede global nos campos econômico, político e cultural durante o ano todo? Como os Fóruns Sociais Mundiais podem contribuir no diálogo e aprofundamento de referências para a atuação econômica dessa rede global, para a sua atuação política e cultural?

Esse debate não é novo. Em 2002, o Comitê Gaúcho do Fórum Social Mundial lançou uma proposta de como se poderia avançar no fortalecimento dessa rede social mundial, “pela mundialização e enraizamento do Fórum Social Mundial como processo de construção de alternativas à globalização neoliberal”. Atividades em torno desse tema foram realizadas no Fórum Social Mundial-2002. Todavia, as dificuldades materiais inviabilizaram a continuidade da proposta que aí foi apresentada.

Os objetivos que se apontavam naquela ocasião para a permanente atuação dessa rede social mundial eram:

* Apresentado no Fórum Social Mundial – Capítulo México, na Cidade do México, Zócalo, em 23 de janeiro de 2008.

“[Objetivos] Gerais:

- Estimular a práxis da construção de alternativas concretas à globalização neoliberal;
- Estimular a articulação em rede dos movimentos, redes, ong’s e indivíduos em nível local, regional, continental e internacional;
- Estimular a criação de ambientes em torno dos quais se articulam local e internacionalmente, programas de autogestão em economia solidária, educação, cultura, saúde e meio ambiente pelos e para os povos, visando a ampliação das liberdades e a vida em sua plenitude.
- Criar mecanismos de comunicação, de fácil acesso, que facilitem a auto-expressão e acesso à informação e, sobretudo, que estimulem a que “a humanidade fale” e a que “a humanidade escute”;
- Apoiar o processo pelo desenvolvimento de uma opinião pública alternativa em todos os níveis, do local ao internacional, através de ações de democratização da comunicação;
- Exercitar o uso de instrumentos que favorecem o desenvolvimento do laço social pelo aprendizado e pela troca do saber;

[Objetivos] Específicos:

- Construir redes solidárias, articulando cotidianamente os movimentos sociais, redes, ong’s e indivíduos em níveis local, regional, continental e internacional, em torno do desenvolvimento e implantação de programas e projetos alternativos concretos ao neoliberalismo;
- Criar e construir coletivamente uma Interface Virtual que consista em um sistema de dados e processos que permitam: integrar e intercambiar experiências e elaborações, dialogar sobre temas de interesse, mobilizar-se, apoiar-se mutuamente, realizar reuniões, hospedar gratuitamente sítios de movimentos e organizações, obter informações independentes sobre acontecimentos da conjuntura, conhecer e interagir com experiências alternativas, fazer downloads de softwares livres, integrar-se, ofertar, adquirir e vender produtos e serviços de economia solidária, entre outros programas e projetos.”¹

Naquela época afirmava-se que

“A Rede Social Mundial (RSM) é uma ação pela construção de alternativas concretas de outros mundos possíveis, alternativos ao sistema neoliberal, e de caráter pós-capitalista, tanto em nível local quanto global. A RSM tem como referência estratégica a transformação do processo do Fórum Social Mundial em uma experiência cotidiana de mudanças de paradigmas e práticas econômicas, políticas, sociais e culturais. Através de duas dimensões de articulação – a Face a Face, ambientes de intercâmbio direto entre os agentes, e a Interface Virtual, ferramenta de comunicação e armazenamento de informações destinada troca de experiências pela Internet– a Rede Social Mundial articula transversalmente as redes, movimentos sociais e organizações não-governamentais em torno de programas e projetos de economia solidária, arte e cultura, comunicação comunitária e de acesso à informação e tecnologia, vinculados às comunidades. A RSM estimulará o desenvolvimento de uma opinião pública internacional

¹ Comitê Gaúcho do Fórum Social Mundial. *Rede Social Mundial*. Porto Alegre, abril de 2002, p.9

independente da mídia oligopolizada, através da democratização da comunicação.

Esta RSM é uma rede de resistência que reconhece as diferenças e as semelhanças entre seus integrantes. É o meio em que estas resistências diferentes e semelhantes se apoiam umas às outras. Não é uma estrutura organizativa. Não tem centro decisor nem eixo central. Não tem mando nem hierarquia. É apenas a rede que resiste construindo alternativas concretas, urgentes, de vida no planeta. É... uma rede de comunicação internacional e alternativa pela humanidade que busca tecer os canais para que a palavra dos que resistem possa fluir e tocar às mentes e aos corações de todos. Para que se possa falar, escutar e transformar.”²

Muitas pessoas têm dificuldade de reconhecer que há uma rede social mundial que interliga milhares de organizações e milhões de pessoas em todo o mundo. Pois tem dificuldade em compreender o que seja uma rede social. Do mesmo modo que um ecossistema conforma uma rede com milhares de realimentações entre os elementos que o constitui sem que tenha havido uma assembléia geral dos seres vivos para constituí-la, sem que tenha sido criada uma instância central para organizar os fluxos e ciclos dessa rede, do mesmo modo as sociedades humanas são redes complexas, com a diferença de que podemos interferir estrategicamente nesses fluxos materiais e simbólicos, reorganizando o modo como vivemos, na medida em que tomamos consciência desses fluxos e dessas conexões e exercemos nosso poder nessa transformação. Assim, se analisarmos os fluxos de comunicação, as ações de solidariedade e as lutas cotidianas que interligam esses milhares de organizações e milhões de pessoas que, entre outras ações, também realizam os fóruns sociais mundiais, veremos que conformam uma grande rede de redes, uma grande Rede Social Mundial, sem que tenha um centro decisor, nem um eixo central, nem mando nem hierarquia entre elas, configurando-se como uma rede que resiste, propõe e realiza, construindo, de maneira consensual e argumentativa, alternativas concretas para o bem-viver das pessoas e nações, na promoção da paz entre os povos. Todavia, uma importante parcela desses atores ainda não compreende a dinâmica e a importância dessa grande rede de redes para o futuro de cada um de nós e do planeta como um todo.

Se analisarmos a situação atual dessa Rede Social Mundial considerando os objetivos mencionados no documento do Comitê Gaúcho em 2002, veremos que avançamos nos últimos 6 anos. Quanto aos objetivos gerais se pode afirmar que:

- iniciativas têm sido tomadas na busca da construção de alternativas concretas à globalização neoliberal em nível local e mesmo em nível nacional – como no caso de alguns países de América Latina, aprofundando-se o debate sobre as economias soberanas, o socialismo democrático, ALBA, etc.

- avançamos na articulação em rede de movimentos, redes, ong's e indivíduos tanto em nível local, quanto regional, continental e internacional. No campo da economia solidária é particularmente visível o surgimento de várias redes nacionais e o surgimento de redes internacionais. Somente no Brasil, o último mapeamento de economia solidária realizado pelo Governo Federal publicado em 2007, indicou a existência de 21.859 iniciativas de economia solidária, com 1.687.035 trabalhadores, com um faturamento anual de R\$ 7,836 bilhões (cerca de USD 4,390 bilhões de dólares americanos), sendo que 46% desses empreendimentos, isto é, 9.992, participam de

² Idem, p. 10

alguma rede ou fórum de articulação³. Fato é que em 2003, no caso brasileiro, apenas 42,45 % do rendimento das famílias em todo o país advinha de trabalho na condição de empregado, embora 62% do rendimento das famílias tivessem origem em atividades de trabalho.⁴ É importante perceber que novas formas de trabalho autônomo e associativo continuam a se expandir, sendo necessário investigar o quanto ele representaria hoje no país.

- vêm sendo criados novos espaços em torno dos quais se articulam, local e internacionalmente, propostas de autogestão em economia solidária, educação, cultura, saúde e meio ambiente;
- essas redes têm furado, em vários momentos importantes, os monopólios de formação da opinião pública e apoiado o desenvolvimento de uma opinião pública alternativa, valendo-se de meios de comunicação os mais diversos;
- é igualmente inegável o avanço da formação de comunidades que criam laços em torno do aprendizado pela troca de saberes como, por exemplo, nas áreas de software livre e de tecnologias alternativas e sustentáveis, e em inúmeras outras comunidades virtuais na Internet; destacam-se milhares de obras científicas, artísticas e educativas disponibilizadas nessa rede em domínio público ou baseadas na licença *Creative Commons* - número esse que vem se multiplicando rapidamente – e a *wikipédia*, que vai se tornando cada vez maior e mais aprimorada; igualmente multiplicam-se ferramentas produtivas na área de tecnologia da informação distribuídas com base na *General Public License* – que podem ser utilizadas e modificadas livremente por qualquer pessoa ou organização.

Com relação aos objetivos específicos elencados naquele documento pode-se afirmar que:

- conseguimos avançar um pouco mais na construção de redes solidárias, articulando movimentos sociais, redes, ong's e indivíduos em diversos níveis, em torno do desenvolvimento e implantação de programas e projetos alternativos concretos;
- multiplicaram-se os espaços na Internet que permitem: integrar e intercambiar experiências e elaborações, dialogar sobre temas de interesse, mobilizar-se, apoiar-se mutuamente, realizar reuniões, hospedar gratuitamente sítios de movimentos e organizações, obter informações independentes sobre acontecimentos da conjuntura, conhecer e interagir com experiências alternativas, fazer downloads de softwares livres, integrar-se, ofertar, adquirir e vender produtos e serviços de economia solidária, por exemplo.

Na minha opinião o futuro do Fórum Social Mundial está diretamente vinculado à continuidade do processo de auto-organização dessa Rede Social Mundial em suas duas dimensões, tanto a de face-a-face, presencial, quanto pela sua interface virtual. Consideremos apenas dois exemplos: informação e finanças. Se somássemos todos os jornalistas e *free lancers* que trabalham em sindicatos e organizações não-governamentais integradas nessa Rede Social Mundial e os recursos que são utilizados em atividades de comunicação, seguramente teríamos incontavelmente mais jornalistas que a CNN e que as principais redes de notícias do mundo; e os recursos manejados permitiriam organizar uma Rede de Notícias 24 Horas, pela Internet e por outros meios, com uma capilaridade nos diversos continentes e países que nenhuma rede atual de notícias poderia ter. Se as milhares de organizações conectadas nessa Rede Social

³ MTE. *Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária - SIES. Relatórios 2005/2007: Relatório Nacional*. Brasília, 2007. Fonte: <http://www.sies.mte.gov.br/>

⁴ Fonte: IBGE. <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/orcfam/default.asp?t=5&z=t&o=20&u1=1&u2=1&u3=1&u4=1&u5=1&u6=1>

Mundial atualmente existente e as milhões de pessoas que desejam construir um outro mundo possível deslocassem seus recursos financeiros para um Sistema de Finanças Solidárias, fortalecendo os circuitos da Economia Solidária, o volume de recursos que teríamos seria de tal magnitude que poderíamos organizar Bancos Nacionais de Economia Solidária que financiariam projetos de desenvolvimento sustentável e de apoio à organização e expansão de redes de economia solidária em todos os países. O mesmo se poderia observar para inúmeros outros exemplos, pois o todo é sempre maior que a soma de suas partes, posto que a relação entre elas faz emergir o que não existe em cada uma quando estão isoladas.

Ocorre que essa Rede Social Mundial existe em si mesma. Mas os seus participantes, em sua maioria, não têm consciência dela mesma e de como, através dela, podem potencializar o seu poder de transformar as suas realidades locais na medida em contribuam para, igualmente, transformar as realidades globais que afetam a todos nós e aos diversos componentes dessa grande Rede em particular.

Se o Fórum Social Mundial contribuir para que essa Rede Social Mundial possa se potencializar cada vez mais com a perspectiva de construção de sociedades pós-capitalistas, ecologicamente sustentáveis, democráticas e socialmente justas, que assegurem as mediações materiais, políticas, informativas e educativas para a ética vivência das liberdades públicas e privadas, em proveito do bem-viver de todas as pessoas e da paz entre os povos, estará efetivamente avançando na construção de Um Outro Mundo Possível.

Uma forma de contribuir para tanto é colaborar para aprofundar as conexões face-a-face entre as organizações e pessoas nos diversos espaços territoriais onde as lutas e atividades concretas ocorrem, constituindo-se fóruns locais e regionais com uma dinâmica sempre autônoma, nos marcos da carta de princípios do FSM, como momentos de conexão de redes locais e regionais. A outra forma é colaborar para o surgimento e aprimoramento de uma interface virtual – isto é, de um conjunto de mecanismos de tecnologia da informação – que permitam a essas redes, organizações e pessoas manterem-se em conexão constante, não apenas para intercâmbios comunicativos, mas especialmente para o fortalecimento coletivo das ações de economia solidária, de pressão política sobre governos e organismos internacionais e de ações de interculturalidade nos diversos campos.

Se por uma parte essa Rede Social Mundial já existe por outra parte o Fórum Social Mundial pode contribuir para o seu avanço, gerando acúmulos estratégicos que permitam potencializá-la.

Considerando como avançar nesse processo auto-organizativo do conjunto dessa Rede Social Mundial, visando o seu fortalecimento estratégico, o documento de 2002 afirmava que:

“É estratégico criar espaços, meios e oportunidades para que as próprias comunidades possam ver-se e, assim, ampliar e qualificar a memória e a percepção de si e do mundo. Constituir redes de complexos públicos alternativos, enraizados nas comunidades, articulando programas e projetos alternativos de economia solidária, arte, cultura, educação, saúde e meio ambiente, comunicação alternativa..., é um dos instrumentos para mundializarmos o processo de gestação e criação de

alternativas, respeitando os princípios da expressão e da experiência direta, como práxis de um outro mundo possível.(...)⁵

“Através de duas dimensões de articulação – a Face a Face, ambientes de intercâmbio direto entre os agentes, e a Interface Virtual, ferramenta de comunicação e armazenamento de informações destinada à troca de experiências pela Internet – a Rede Social Mundial articula transversalmente as redes, movimentos sociais e organizações não-governamentais em torno de programas e projetos de economia solidária, arte e cultura, comunicação comunitária e de acesso à informação e tecnologia, vinculados às comunidades. (...)”⁶

“A fim de apoiar o processo de intensificação das relações da Rede Social Mundial, de forma a manter as pessoas, organizações e redes em constante intercâmbio, em fluxos de informação, valores, produtos e serviços, etc., é responsabilidade de todos construir a *Interface Virtual* da RSM.

Através da Internet, Tele Conferências, Tele Reuniões, em fim, da utilização das tecnologias de informação e comunicação, é possível potencializar as lutas locais e mundiais, facilitar trocas de experiências e fortalecer a Rede. A Interface Virtual deve ser compreendida como uma mediação da dimensão face a Face entre essas pessoas, organizações e redes. Não se trata de uma outra Rede ou de duas redes, uma real e outra virtual. De fato, a dimensões Face a Face e Interface Virtual são facetas de um mesmo processo. A RSM busca, assim, construir-se, também, como uma interface que permite conectar todas as pessoas e organizações em laços de realimentação recíproca, desencadeando sinergias, potencializando as lutas, o diálogo entre as culturas, a afirmação de novos valores, o respeito e o compromisso solidário entre as pessoas, povos e nações.

Todos os mecanismos poderosos desta interface virtual somente poderão surtir resultados se forem utilizados de maneira plenamente humanizada, sob uma nova lógica que inverte as prioridades, colocando as tecnologias a serviço do Face a Face humano. Tais mecanismos permitirão às pessoas permanecerem dialogicamente integradas em seus esforços cotidianos de construção de novos mundos, emitindo e recebendo informações e produzindo conhecimentos. A Interface Virtual da Rede Social Mundial... constitui-se em um sistema de comunicação e armazenamento de dados em escala planetária construído coletivamente pelas organizações, indivíduos e movimentos que integram o Fórum Social Mundial. Esta Interface tem como desafio consolidar-se como um facilitador da apropriação social das novas tecnologias da informação. Seu sistema interativo permitirá a qualquer interessado interagir com grande facilidade com as diversas organizações, comprar e vender solidariamente, aprender e ensinar, enviar e receber mensagens ao

⁵ Idem, p.8

⁶ Idem, p.10

conjunto dos participantes, compartilhar arquivos, participar de votações diretas ou diálogos em tempo real.⁷

Se há seis anos atrás alguns podiam imaginar que o uso da tecnologia da informação para o avanço das redes colaborativas era algo utópico, particularmente no campo da economia solidária, tais pessoas estão revendo rapidamente suas posições. Uma das últimas pesquisas sobre comércio eletrônico no Brasil revela que entre as pessoas que compram pela Internet, 51% são das classes C, D e E; que 67% dos cartões de crédito estão na mão dessas classes e que “entre os domicílios com acesso à rede, 62% são de baixa renda”. Atualmente com telefones celulares já se pode gerar vídeos com razoável qualidade de áudio e de imagem, que podem ser facilmente compartilhados na Internet, como os tantos que estão disponíveis no Youtube. Com esses telefones é possível trocar mensagens, navegar na Internet, fazer compras, participar de votações em programas de televisão em tempo real, movimentar contas bancárias, etc. O capitalismo se vale dessas ferramentas na sua luta de sobrevivência, para perpetuar a exploração dos trabalhadores e o acúmulo de lucros e assegurar as hegemonias políticas que lhe sejam afeitas.

A pergunta que devemos nos fazer é: como nós podemos utilizar todas essas ferramentas para a libertação da humanidade, para a construção de Um Outro Mundo Possível? Para potencializar a Rede Social Mundial e o Fórum Social Mundial? Para democraticamente construir eixos de luta e de intervenção globais, que nos permitam articular nossas milhares de organizações em redes de poder popular, fortalecendo nossos circuitos de economia solidária, pressionando os Estados para que sejam democráticos e difundir a cultura da solidariedade, da justiça e da paz em favor do bem-viver de todas as pessoas e povos e da sustentabilidade dos ecossistemas?

Na minha opinião, pois, devemos nos perguntar pelo presente e pelo futuro dessa rede social mundial em que estamos todos integrados, a fim de melhor compreender o papel que o Fórum Social Mundial deve cumprir na construção desse outro mundo possível. Seguramente deve fortalecê-la, contribuindo para aprimorar os mecanismos face-a-face de sua articulação e igualmente os mecanismos de interface virtual que a tornam possível, sem os quais o Fórum Social Mundial – nesta configuração como o conhecemos – jamais teria existido.

⁷ Idem p.12-13